

Os positivistas e a UnB

MARCÍLIO FARIAS

O Positivismo é um blefe. Uma mentira engendrada pelo neoliberalismo (outro blefe), para justificar suas teorias (?) econômicas.

Compte foi um blefe que se manteve pela insidia da linguagem. Karl Popper, um revisionista (americanizado, anglófilo até a medula, hoje, um americanista em menopausa mental), é outro blefe, outra mentira filosófica.

Tanto os positivistas de Compte, com suas aporias extraídas da matemática leibniziana, (pena que não exista possibilidade de se processar alguma possibilidade de se processar alguma coisa por plágio filosófico - se assim fora, tanto Compte, quanto Popper, que mal e mal copiou, por sua vez, Carnap, outro matemático, servilista e obscuro - estariam em maus lençóis.), como os neopositivistas de Popper são sistemas ditos "filosóficos" e que são sustentáculos de políticas econômicas (no caso, doutrinas do liberalismo - Compte - e do Capitalismo - Popper), os positivistas pretenderam, pelo matematicismo, de suas construções ditas "lógicas", alcançar um "mundo perfeito" tal e qual aquele de Ira Levin, onde os corações e as mentes fossem dirigidas por cânones e aporias matemáticas.

(O principal postulado de Carnap, por exemplo, é em torno dos conceitos de função. Para ele, toda a linguagem é uma espécie de matemática apriorística e impossível de se cingir a outros dados que não os da experiência científica. Uma teoria muito pouco saudável. Eu, particularmente, prefiro os dissidentes Russel e Wittgenstein - dois anglófilos também, como Popper, mas que tiveram a honrabilidade de nunca ser puxa-sacos do Banco de Londres).

Um certo e obscuro professor da Universidade de Brasília toma as dores de Popper, do MIT e do pretenso Reitor da UnB, capitão Azevedo. Além de me chamar de ignorante (o que me deu vontade imensa de rir, desse obscuro professor que, salvo engano, remói sua próxima aposentadoria entre lombadas bolorentas e mofadas), quase analfabeto (o que me deleitou), parte para a defesa dos positivistas lógicos (também chamados neopositivistas), e do Reitor, desmascarando algo que eu já antevira - os positivistas chegaram ao Brasil, esculhambaram a República e se infiltraram até na Maçonaria (a última das grandes e belas Confrarias Filosóficas da Idade Clássica, que até então, havia se mantido incólume), transformaram todo o pensamento brasileiro e, pelo que vejo, tomam agora conta das universidades.

Senão, vejamos. Tanto o Reitor como o seu favorito se apegam à adjectivos (mal lidos certamente) de um artigo sobre o óbvio (o desastre que foi, é e está sendo essa gente, à frente de uma instituição universitária) para defenderem o seu ganha-pão, na verdade, os positivistas sempre fizeram isso: usavam o raciocínio sofisticado para iludir a classe dirigente, e, assim, garantir as **benefícios** de uma mesa farta.

Em primeiro lugar, Popper pode ter nascido na Áustria, na Baviera, onde for. O fato é que o seu pensamento foi posto inteiro a serviço do Banco de Londres (Pater estava com a razão, quando, ao fundá-lo, chamou Milton para a consultoria "jurídica".... a mordomia já corria solta por aqueles dias), e hoje encontra-se inteiramente a serviço do pensamento americano. O MIT, repito, não passa de um travestimento do pensar (?) tecnológico-tecnocrático do Ocidente. E Noam Chomsky não passa de outro embusteiro que, desde Bense, vem procurando provar que a matemática é a rainha das ciências. (Como se houvesse de fato **ciências**....).

O Positivismo, como o Neopositivismo, são mentiras lógicas. Quando Popper se afastou do Circulo de Viena (chacinha onde todos babavam a memória de Compte) não o fez senão por um motivo econômico (o mesmo que levou Wittgenstein, e Carnap a se refugiarem em Londres): como todos pertenciam à burguesia emergente no estado alemão (ou austro-alemão), como quer o castiço gramaticalismo do obscuro professor da Universidade de Brasília - como é mesmo o nome dele, meu Deus?!), e os impostos aumentavam a olhos vistos, correram todos da raia. Hoje, pode-se encontrar o tal Popper a comer maçãs em seu pomar inglês, se julgando um novo Newton... Coitado.

Empiristas, todos empiristas. Por isso prefiro Russel, Wittgenstein, (que, aliás só tem um livro que presta: "**O Tractatus Logico-Philosophicus**"). O resto é escórial. Até mesmo o utilitarismo benthamiano, com que Russel guarda alguma similitude, me parece mais saudável do que a hipocrisia positivista.

Popper como Ryle, Frege e Carnap são casos típicos de filósofo de gabinete. Não se iludam, assim como existem os poetas de gabinete, existem os filósofos de gravata, paletó, idéias preconcebidas, aos moldes das equações da matemática vetorial ou dos cálculos infinitesimais (de onde, aliás, Carnap extraiu todas as "preciosidades" contidas no seu inútil "Testability and Meaning"). Aliás, o sonho

de Popper, Carnap, Hempel, e de toda a corja positivista, era esse: que o mundo inteiro tivesse uma só linguagem (numérica) e um só significado (dado pela experiência científica e quantificável). Um sonho que deve ter apavorado até mesmo Hitler - que, pelo menos....

Os Positivistas chegam ao cúmulo (em sua tentativa de negar a metafísica, a ontologia - são todos uns mortos-vivos, zombies da razão Pura, vampiros do Juízo Crítico) de provar a existência de Deus (Carnap leva dois capítulos de seu "**Der Logische Aufbau der Welt**" tentando isso), via sofismas matemático-linguísticos. Não é de estranhar essa paixão positivista pela matemática e pela tecnologia. Como toda insidia do pensamento, o positivismo surgiu em decorrência de uma situação agônica vivida pelo mundo ao final do século XIX: a Revolução Industrial, consolidava seu câncer pelo mundo e era necessária a especialização, a mão-de-obra, o técnico. Como comadres fotoqueiras de alguma província, os positivistas (na verdade seres frustrados e incapazes tanto para as matemáticas, como para a filosofia), arquitetaram seu sistema. E o impingiram pela força da bajulação, aos povos do ocidente. Como uma retórica obscura (no sentido de mal-formulada, **difficil** por ser **burra**), enganaram meio mundo. Conseguiram o que até então, quase ninguém conseguira: minar a Maçonaria em suas bases filosóficas - que são de uma beleza sem igual, ou melhor, eram de uma beleza sem igual.

Entendo perfeitamente bem o acesso de bilis do professor da UnB que, do alto de seu Positivismo Lógico, lança laudações a um artesão do terror e da violência. Entendo que, como todo bom positivista, o obscuro professor, em sua biblioteca, deve sonhar com uma universidade onde todos rezem pela cartilha do reitor. Onde ninguém pense no conceito (grego, e clássico), do Ser. No conceito de Jornal. Entendo o desespero desse velho e obscuro mestre, não tem nem jamais teve alunos; alguns mesmo, que o chamassem de mestre, o amassem e tivessem prazer em ouvi-lo e vê-lo. Entendo bem. Como diz Mann, não há nada tão feio e tão impuro como a velhice. Mal vivida. Nada mais tenebroso do que a senilidade mental.

Saibam todos: Para quem gosta de cordões, o dos puxa-sacos, na UnB, já tem um líder (E pouco importa as capelas do MIT onde professores senis sentem **frisson** religiosos - ? - em viagens de... férias, ou estudo, para esses tanto faz uma coisa como outra - a mordomia mental é uma só: começa no estômago.).